## 28 de Maio de 2013

A teoria de Viveiros pode correr o risco de se limitar à oposição entre índio e não índio, algo que o próprio autor não aceitaria, pois ele próprio indica, inclusive, possíveis desdobramentos em seu livro de entrevistas quando menciona "só não é índio quem não é". Contudo, ainda não levou essa ideia adiante. Sua teoria corre o risco de ser entendida como mera valorização do índio. É preciso mostrar o quanto de índio há em nós, reconhecer a existência de um território que extravasa. Um munda caboclo.

A maioria dos antropólogos estuda tribos isoladas em suas aldeias, e ficam nessas oposições. Na América Latina, assim como há tribos em aldeias, existem outras gradações onde se mescla o tribal, o suburbano e o urbano. Antigamente estudava-se somente o outro desconhecido, mas a grande questão é incluir o ponto de vista do outro no nosso sistema conceitual. O xamã faz a tradução entre ponto de vistas, traduz os mitos do além para a vida, faz a mediação entre animais e humanos etc. Parece que falta na teoria de Viveiros de Castro uma tradução dos índios para estas outras figuras que tem algo de índio sem serem especificamente índios. Este é um espaço em andamento que precisa ser tratado.

A América Latina demonstra essa tendência à assimilação, que não se dá sem conflitos. Comentamos sobre o exemplo da adaptação dos imigrantes haitianos atualmente. A tendência dominante é que se assimilem, apesar das dificuldades que têm enfrentado.

Em contraste, observamos a dificuldade que os franceses têm em lidar com a variação, em especial citando o exemplo das manifestações contra a união homossexual. O livro *Antes Tarde do que Nunca – Gabriel Tarde e a Emergência das Ciências Sociais* detalha o desenvolvimento dos modos de organização na França. Gabriel Tarde era um filósofo que discordava deste paradigma de separação entre mente e corpo, base da "loucura" francesa. Note-se também as implicações desse tema na arte, na poesia de Baudelaire, no surrealismo e nos movimento de maio de 1968.